

# O DIÁLOGO COMO PRINCÍPIO FILOSÓFICO

LOVERA, Cleci Luisa<sup>1</sup>  
NOGARO, Arnaldo<sup>2</sup>

## RESUMO

O texto aqui apresentado é o resultado de um esforço para refletir e localizar o diálogo como princípio, ou como um dos elementos fundantes do filosofar; mais especificamente do “fazer” filosofia com crianças, do desenvolvimento de uma educação para o pensar. Inicialmente tematizamos a filosofia enquanto conhecimento e espaço onde se problematizam as vivências e experiências humanas. Passamos a abordar também o jeito socrático de fazer filosofia como forma de demonstrar o que se quer de uma atitude filosófica. Encerramos a reflexão situando o diálogo e a comunidade de investigação como *locus* privilegiado do exercício democrático da fala e da expressão do pensamento de cada criança e jovem que se propõe o exercício filosófico.

## ABSTRACT

This text is the result of an effort to reflect and to locate the dialogue as a principle, or as one of the foundation elements to philosophize; more specifically, it is about “doing” philosophy with children, and the development of an education for thinking. Initially, philosophy has been themed while knowledge and space where human experiences and living are thought about. Also, a Socratic way of doing philosophy as a way of demonstrating what is expected from a philosophic attitude is approached. The reflection ends placing the dialogue and the community of investigation as a privileged *locus* of the democratic exercise of discourse and the expression of the thought of each children and youngster who has in view the philosophical thought.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Filosofia. Professora do Colégio São José – Erechim/RS.

<sup>2</sup> Doutor em Educação – UFRGS. Professor da URI – Campus de Erechim/RS.

## INTRODUÇÃO

O pensar, o filosofar é um recurso humano imprescindível, tanto para a produção de explicações, quanto para a constituição dos sentidos, das formas do viver humano. Exercitá-lo, no enfrentamento das questões envolvidas na busca de construção de significados pode resultar no seu aprimoramento. Tal aprimoramento ocorrerá se o exercício do pensar merecer atenção e cuidados especiais por parte dos que têm interesse de ampliar e aperfeiçoar seu modo de pensar.

Para criar conhecimento de forma consciente, autônoma e criteriosa é necessário saber pensar e, acima de tudo, bem pensar. A Filosofia é o campo em que podemos desenvolver tal habilidade. Podemos, pelo filosofar, aprender a pensar bem a fim de explorar da melhor maneira a potencialidade humana, o que nos permitirá viver de forma inteligente.

O diálogo como princípio filosófico, investigativo transforma, cria espaço para a construção e exposição de idéias. Complementando-as e corrigindo-as. É nesse contexto que vai se inserir o presente texto. Pretendemos percorrer o caminho proposto por Sócrates, referindo-se ao jeito de fazer Filosofia através do diálogo e as inovações de Matthew Lipman com o jeito de fazer Filosofia através das Comunidades de Investigação. O tema a ser abordado é: **O diálogo como princípio filosófico**. Tal tema se torna pertinente por ser considerado, o diálogo, como a mola propulsora do filosofar. Por isso, pergunta-se: é possível fazer filosofia sem a presença do diálogo?

Para alcançar os objetivos propostos, será desenvolvido o tema em cinco momentos com os seguintes títulos: O lugar e o espaço da Filosofia; O jeito socrático de fazer Filosofia; O diálogo como princípio filosófico; A Comunidade de Investigação e o filosofar; A problematização na Comunidade de Investigação.

Além das referências bibliográficas referenciadas, serão utilizadas falas de crianças de séries iniciais que estão iniciadas na Filosofia há um ano e meio, seguindo a proposta metodológica de Lipman.

## O LUGAR E O ESPAÇO DA FILOSOFIA

Por Filosofia<sup>(3)</sup> entendemos que é um modo de pensar, uma postura convicta diante do mundo. Não é um conjunto de conhecimentos prontos, um sistema acabado, fechado em si mesmo. É, acima de tudo, um modo de se colocar diante da realidade, procurando refletir sobre os acontecimentos a partir de vivências humanas e seu relacionamento com o universo como um todo. Essa reflexão permite ir além da pura aparência dos fenômenos, em busca de suas raízes e de sua contextualização em um horizonte amplo que abrange os valores sociais, históricos, econômicos, políticos, éticos, estéticos. Por essa razão, a Filosofia pode voltar-se a qualquer questão inerente ao agir humano: pensar a ciência, seus valores, seus métodos, seus mitos; pensar a religião; a arte; o próprio homem em sua história. Ao que podemos afirmar com a experiência<sup>(4)</sup>.

Filosofia me lembra troca de idéias, amadurecimentos e atitudes de um ser humano que tem capacidade de ler e interpretar com coerência as perguntas feitas pelos outros (Criança IV). A Filosofia me lembra vida, pensamento, reflexão, lógica (Criança III). Filosofia é aquilo que a gente aprende e o conhecimento construído (Criança II).

Esse “amor pela sabedoria”, nos ajuda a entender que o ser humano nunca possui plenamente uma compreensão definitiva e válida sobre tudo o que se designa sabedoria e que assim permanece numa busca contínua e ansiosa por atingir esse alvo. Para isso, percorre o caminho infundável e enigmático da razão humana, tendo como ponto de partida a ação humana em suas mais profundas raízes.

A Filosofia parte do que existe, critica, coloca em dúvida, faz perguntas, abre as portas para as possibilidades, faz-nos entrever outros mundos e outros modos de compreender a vida. É um pensar crítico sobre todas as áreas do saber e agir humanos, que revela seus princípios e fundamentos e faz ver a possibilidade de outros pontos de vista, buscado em outros princípios. A reflexão filosófica deve buscar a raiz, a essência, o todo do saber, dos objetos, a fim de descobrir os significados mais profundos dos problemas que preocuparam e preocupam o ser

---

<sup>3</sup> Não é nosso objeto fazer uma ampla explanação do conceito de Filosofia junto aos diferentes autores. Traremos uma definição apresentada por: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações LTDA. (Rio de Janeiro, 1999). O termo filosofia deriva do grego *philos* (amigo, amante) e *sophia* (conhecimento, saber) e tem praticamente tantas definições quantas são as correntes filosóficas. Pode-se definir filosofia, sem trair seu sentido etimológico, como a busca da sabedoria, conceito que aponta para um saber mais profundo e abrangente do homem e da natureza, que transcende os conhecimentos concretos e orienta o comportamento diante da vida. A Filosofia pretende ser também uma busca e uma justificação racional dos princípios primeiros e universais das coisas, das ciências e dos valores e uma reflexão sobre a origem e a validade das idéias e das concepções que o homem sobre ele mesmo e sobre o que o cerca.

<sup>4</sup> No texto serão utilizadas falas de crianças de 1ª a 4ª série que fazem Filosofia há um ano e meio, seguindo a proposta metodológica de Lipman. Tais falas foram colhidas através de um questionário, onde 15 crianças responderam as seguintes questões: Filosofia lembra... Você considera a Filosofia importante? Em que a Filosofia o ajuda? Como você vê a Comunidade de Investigação? Para preservar suas identidades as mesmas serão identificadas por números conforme segue: 1ª série criança I; 2ª série criança II; 3ª série criança III; 4ª série criança IV.

humano. A filosofia deve se manter como o livre exercício da razão, que descobre os significados mais profundos da realidade. É entendida como uma aspiração ao conhecimento racional, lógico e sistemático da realidade natural e humana, da origem e das causas do mundo, de suas transformações, das ações humanas e do próprio pensamento.

A partir desses pressupostos, Sócrates caracteriza a reflexão filosófica pela via da verdade, buscando descobrir a essência das coisas. Essa procura da verdade está centrada no ponto de vista do ser, volta sua atenção aos problemas do homem, e faz uma análise detalhada das qualidades individuais e das virtudes humanas.

É necessário ressaltar que o conhecimento de Sócrates é fruto principalmente de dois dos seus principais discípulos: Platão e Xenofonte, uma vez que ele nada escreveu.

É através de Platão que podemos confirmar o método usado por Sócrates, pois Platão escreve em forma de diálogos. Chamam-se diálogos<sup>5</sup>) porque neles Platão não expressa seus ensinamentos por meio de uma exposição direta, mas sim através de um artifício: é contada uma história, na qual se encontram diversas pessoas e elas iniciam um diálogo. A narrativa do diálogo passa a ser então a parte principal de cada uma das obras de Platão; o diálogo é narrado com toda a vivacidade de detalhes com que ocorreu, mas, se o leitor acompanhar atentamente o diálogo, como se estivesse participando dele, passará, logo em seguida, a participar da discussão dos temas filosóficos propostos por (Sócrates) Platão.

Existem controvérsias entre os estudiosos sobre em quais dos diálogos Platão reproduziu um diálogo realmente ocorrido e em quais Sócrates se aproveitou da ocasião para expor suas doutrinas, além disso discute-se quais são os diálogos imaginados por Platão em que, apresentando Sócrates como um dos dialogantes, está na verdade contando uma situação fictícia e expondo não as doutrinas de Sócrates, mas as suas.

---

<sup>5</sup> O diálogo foi o instrumento fundamental e natural da literatura grega entre os séculos VI e V a C, graças à penetração popular alcançada pelas peças de Ésquilo, Sófocles, Eurípedes e Aristófanes, os quais, embora sem cultivá-lo como gênero, despertaram a atenção dos escritores e filósofos para suas possibilidades literárias.

O primeiro grande mestre grego do gênero é indiscutivelmente Platão, cujos 42 diálogos, escritos entre fins do Séc. IV a.C, já constituem criação literária autônoma. Coerentes quanto à caracterização e a situação dramática que dá origem às discussões entre os interlocutores, esse diálogos desenvolvem dialeticamente os principais temas da filosofia platônica. E foi através desse diálogos, (a Apologia de Sócrates), que o mundo logrou acesso ao pensamento de Sócrates, mestre de Platão e que nada deixou escrito de seu próprio punho.

Os diálogos platônicos distribuem-se em três grupos: 1) diálogos da juventude ou socráticos, que giram em torno dos conceitos definitórios da coragem(Laches), da piedade (Eutífrono), da temperança ( Cármenes), do ensino moral ( Protágoras), da inspiração poética (Íon), do belo (Hípias maior), da mentira (Hípias menor); 2) diálogos da maturidade, cuja preocupação central é a procura da verdade em questões relativas à imortalidade da alma (Fédon), ao amor (O Banquete, Fedro), à política (A Política), à virtude (Menono ou Menão), à retórica (Górgias); 3) diálogos da velhice, extremamente abstratos e de difícil compreensão, verdadeira súpula metafísica do pensamento platônico e consagrados ao conhecimento (Teeteto), às relações entre o ser e o não-ser ( Sofista), à filosofia da natureza (Timeu), à linguagem (Crátilo).

Os diálogos de Platão são eminentemente dramáticos e, se movidos por ação mais dinâmica, poderiam constituir verdadeiros dramas dialéticos. (Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações LTDA. Rio de Janeiro, 1999).

De qualquer maneira, é evidente que muitos diálogos e muitas passagens dos diálogos são relatos de fatos historicamente ocorridos e uma das principais fontes para o conhecimento da Filosofia, da pessoa e das idéias e métodos de Sócrates.

## **O JEITO SOCRÁTICO DE FAZER FILOSOFIA**

E como era esse fazer filosofia de Sócrates (<sup>6</sup>)?

Ao contrário dos filósofos pré-socráticos, que se dedicavam à contemplação da natureza, a atividade principal de Sócrates era conversar, e conversar justamente sobre o conhecimento do homem sobre si mesmo e sobre as virtudes, tais como a sabedoria e a justiça.

Enquanto os pré-socráticos se afastavam do convívio intenso com as multidões, Sócrates procurava o convívio com as multidões, fazia isso para poder conversar com elas. Estava sempre filosofando nas “praças públicas”. Ele freqüentava as festas e os banquetes e, onde houvesse uma oportunidade de dialogar com quem quisesse conversar com ele, lá estava presente.

O paradigma do fazer filosofia é a figura ativa e solidária de Sócrates. Para ele não se tratava de uma aquisição nem de uma profissão, mas de um modo de vida. O que Sócrates nos exemplifica não é uma filosofia conhecida, nem aplicada, mas praticada. Ele nos desafia a reconhecer que como obra, como forma de vida, a filosofia é algo que qualquer um de nós pode dedicar-se (Lipman, 1990, p.28).

Quando Sócrates motivava uma conversa, não objetivava nenhuma doutrina pré-estabelecida, apenas perguntava. E assim se iniciava um diálogo.

Sócrates costumava conversar com as pessoas que diziam que tinham algum tipo de conhecimento para ensinar, e então começava a lhes fazer perguntas. Muitas das que ele procurava eram filósofos sofistas que visitavam constantemente Atenas em busca de alunos. Eles se gabavam de serem capazes de ensinar qualquer assunto e responder qualquer pergunta a quem quer que fosse. Embora anunciassem tais pretensões, quando os sofistas começavam a dialogar com Sócrates, não era preciso esperar muito para que eles próprios percebessem que suas idéias eram contraditórias e que suas afirmações eram simples opiniões, improvisadas

---

<sup>6</sup> Sócrates nasceu em Atenas por volta do ano 470 a. C. era filho de uma parteira, Fenarete, e de Sofronisco, homem bem relacionado nos meios políticos da cidade. Como não deixou obras escritas, tudo o que se sabe de sua vida e de suas idéias é o que foi relatado sobre ele por Platão e Xenofonte. Segundo palavras de Cícero, “Sócrates fez a filosofia descer dos céus à terra”. Sócrates dizia que a filosofia não era possível enquanto o indivíduo não se voltasse para si próprio e reconhecesse suas limitações. Conhece-te a ti mesmo era seu lema. Para ele a melhor maneira de abordar um tema era o diálogo: por meio do método indutivo que denominou “maieutica”. Um exemplo clássico da aplicação da “maieutica” é o diálogo platônico intitulado *Mênom*. (Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações LTDA. Rio de Janeiro, 1999).

para fazer efeito diante dos ouvintes. Não eram capazes de suportar a análise de alguém que buscava sinceramente as verdades últimas a respeito do homem e da vida humana.

Na escolha de seus interlocutores, Sócrates não levava em conta fatores como a natureza social, ou econômica, seu “faro fino” guiava-o no processo seletivo, fazendo-o perceber, com um agudo senso de oportunidade pedagógica, quais as pessoas que dispunham de condições necessárias para serem iniciadas no processo da ironia e da maiêutica.

Ao contrário dos sofistas, não cobrava, e abria-se a todo aquele que demonstrasse abertura e receptividade para a realização do processo de auto conhecimento. Exemplo disso é o diálogo *Ménon*, nele Platão descreve Sócrates realizando a maiêutica como um escravo, levando-o a conceber noções intrincadas a respeito da questão matemática. Isso mostra que para Sócrates um processo bem conduzido leva a pessoa a ter acesso às mais importantes e difíceis questões científicas e, principalmente, ao verdadeiro conhecimento.

Afirmando que nada sabia, Sócrates logo de início desarmava seu interlocutor e encorajava-o a expor suas opiniões e seus pontos fracos.

Através de perguntas, induzia ora um, ora outro conceito, até que a pessoa via-se em tal conflito que já não podia prosseguir. Embaraçada, ela percebia que não sabia o que julgava saber e que apenas cultivava pré-conceitos. A partir daí, Sócrates podia guiá-la para o caminho do verdadeiro conhecimento, fazendo que extraísse de si mesma a resposta.

Como vimos, o método socrático não é o da simples discussão, mas o da interrogação, que parte de idéias gerais, aceitas por todos e que depois são conduzidas a interrogações, de modo a fazer o interlocutor descobrir por si mesmo, o que desejava saber, pois nenhuma palavra tem o mesmo sentido para duas pessoas. Uma palavra, qualquer que seja, tem tantos sentidos quantos homens a pronunciam.

O que Sócrates enfatiza é o prosseguimento ininterrupto da investigação filosófica, seguindo o raciocínio para onde quer que ele conduza (confiante, que onde for, a sabedoria se encontra naquela direção) e, não, o ofegar e o tinir de armaduras em batalhas dialéticas, onde o prêmio não está na compreensão mas na vitória (Lipman, 1990 ,p. 32).

O interlocutor podia ser tanto o sofista profissional ou qualquer outra pessoa, pois considerava que, de certa forma, todas as pessoas tinham um agir de sofista, já que adotavam, sem refletir, uma conduta de vida baseada em concepções sobre o que é o homem, sobre o que é a vida humana. Só que seus objetivos não suportariam uma análise sincera porque quem quer que busque a verdade, acaba caindo em contradições.

---

Assim, o reencontro consigo mesmo só pode partir da consciência da própria ignorância. Mas essa ignorância, que é um atributo de Sócrates, não é geralmente assumida por pessoas que se julgam possuidoras da verdade. Por isso, torna-se necessário levá-las, de saída, a despojar-se dessas pseudoverdades. É a única forma de torná-las aptas a caminharem em direção ao conhecimento de si mesmas. A destruição das falsas idéias que fundamentam a falsa imagem que as pessoas têm delas próprias é o que pretende a ironia: momento de diálogo em que Sócrates, reafirmando nada saber, força o interlocutor a expor suas opiniões, para, com habilidade, emaranhá-lo na teia obscura de suas próprias afirmativas, fazendo-o reconhecer a ignorância a respeito do que antes julgava ter certeza.

Sócrates concebe a Filosofia como um caminho de busca, exame, interrogação. Como efeito, ele reconhece, como ponto de partida, o que não enxergam aqueles que são tidos por sábios: que o saber não é uma posse mas um caminho, uma investigação. Trata-se de um caminho de exame, onde se é mestre não por prometer conhecimentos, mas por ensinar a perguntar. Para Sócrates, o saber humano é filosófico por natureza: é o desejo de saber e ao mesmo tempo o reconhecimento da impossibilidade humana de adquirir um saber pleno, seguro e acabado. Segundo Sócrates é exatamente nesse reconhecimento que reside a sabedoria humana (Kohan, 1998, p. 101).

Sócrates comparava esta dinâmica ou técnica do diálogo ao trabalho de sua mãe que havia sido parteira. Ele comparava esse interlocutor a uma gestante em trabalho de parto. Ele próprio, Sócrates, era a parteira, que, dialogando, fazia a pessoa entrar em contradição flagrante a respeito de concepções sobre as quais, consciente ou inconscientemente, fundamentavam suas vidas. No momento em que o interlocutor percebesse a série de ilusões fundamentais em que sua vida normalmente se baseava, Sócrates então o comparava ao nascimento. Daí para frente ele poderia ser ajudado a crescer como um novo homem.

Em Sócrates, o diálogo é o instrumento da maiêutica = dia = através; logos = palavra. Chegar ao verdadeiro conhecimento através da palavra. Neste método do diálogo não aparece um mestre que comunica algo ao discípulo, mas mestre e discípulo se apresentam como consciências que conjuntamente procuram algo e que ao mesmo tempo se procuram, aí está o porquê de Sócrates muito perguntar e pouco responder. Todo o conhecimento já está no interior do homem, mas esquecido, adormecido, e é Sócrates que o desperta, acorda, através de perguntas “cutucantes” a esse conhecimento.

## **O DIÁLOGO COMO PRINCÍPIO FILOSÓFICO**

O método socrático substitui o *logos*, a palavra pura, pelo diálogo. O *logos* atinge um conhecimento verdadeiro para um indivíduo, isolado. O que era verdadeiro para ele não podia sê-lo para outro. Já no diálogo, o conhecimento não é atingido por um único indivíduo, mas por diferentes consciências que, chegando a um “acordo” entre si, chegam a novos conhecimentos, e isso é construção. Podemos dizer que para Sócrates esse agir racional não está preso a opiniões particulares, mas se alcança mediante a cooperação, a solidariedade investigante de diferentes sujeitos em diferentes assuntos.

Eis então, o diálogo como um princípio filosófico que nos ajuda a entender a Filosofia não como algo abstrato, mas como algo que faz parte da vida e o faz de uma forma muito concreta, pois lida com questões essenciais da existência humana. Todos nós descobrimos, em algum momento de nossas vidas, através de questões filosóficas, questões diretamente conectadas com nossa existência. Ao que podemos confirmar na prática:

A Filosofia me lembra um poeta, como se seu poema fosse um discurso, falando sobre um diálogo entre duas pessoas, discutindo um assunto em que um dá idéia e o outro complementa sem parece ter fim. A Comunidade de Investigação ampliou meus conhecimentos quanto ao modo de tratar as pessoas, ou seja, como discutir um assunto sem brigar: aprendi a respeitar a opinião de cada um. Considero a Filosofia importante, porque ela amplia meus conhecimentos, deixando meu diálogo com mais clareza e riqueza (Criança IV).

O diálogo nos mostra que a Filosofia foi pensada por pessoas em situações concretas, então não nos tira da realidade, mas nos leva a enfrentar problemas inerentes à existência, pois tem como pano de fundo a vida humana e é capaz de interrogá-la. É justamente com o diálogo que ocorre da pessoa em relação à vida e aos demais humanos que essa vida passa a ser indagada.

Quando internalizamos o diálogo, não apenas reproduzimos a expressão dos pensamentos dos outros participantes, com também argumentamos, em nossas próprias mentes, com respeito a essas opiniões. Além disso absorvemos do diálogo que ouvimos o modo como as pessoas inferem, identificam pressuposições, exigem razões umas das outras e se envolvem em interações intelectuais críticas (Lipman, 1994, p. 45).

O próprio dialogar com a palavra Filosofia nos leva a uma reflexão, não é uma simples posse do saber, mas é uma amizade, uma relação íntima com o conhecimento, um colocar-se a caminho do verdadeiro saber, do saber-ação, do saber-vida, da sabedoria. Isso coloca-nos numa atitude intermediária: fomos feitos para filosofar, pois podemos romper uma situação de



inércia intelectual e movimentar-nos na busca de conhecimento. Estamos sempre a caminho, e isso se faz a vida toda.

Essa busca do saber – sabedoria não é uma atitude que envolve privações e sofrimentos, mas é uma atitude gustativa, de gostar de conhecer, de encontrar sabor no saber, de ter prazer no adentramento deste mundo racional.

O diálogo nos mostra que o que importa para a Filosofia não são as verdades prontas, estagnadas, mas o importante é a travessia, a superação, às vezes pressupõe morte de tudo, um grande desafio: sair, livrar-se da preguiça intelectual. É preciso ter vontade, desejo de romper com a inércia, com a preguiça mental para chegarmos a um conhecer que ilumina e liberta. Precisamos cultivar nossa capacidade de admirar. Admirar tanto as coisas mais elevadas, quanto as mais simples e, acima de tudo, aprender com as coisas que estão dentro de nós.

O diálogo nos leva a desenvolver a capacidade de duvidar, a capacidade de perguntar, nos distancia da preocupação de dar respostas a tudo e nos ensina a formular perguntas, pois como seres humanos possuímos problemas práticos e precisamos perguntar sobre os próprios problemas para solucioná-los.

Num diálogo, o raciocínio superficial é atacado e criticado; não se permite que passe sem ser questionado. Os participantes da discussão desenvolvem atitudes críticas em relação ao que as outras pessoas dizem. Mas essas atitudes críticas voltam a fazer parte da nossa própria reflexão (Lipman, 1994, p. 45).

É o dialogar que nos faz lembrar que fazemos filosofia porque somos humanos, porque nos confrontamos com outras falas humanas, com barreiras humanas e é nesse confronto com o outro que enfrentamos os limites humanos. Ser humano já nos impulsiona a uma interrogação filosófica. Filosofia fundada no diálogo precisa ser comunicada, pois é sair de si e se autocomunicar-comunicando.

O diálogo é um dos maiores desafios da Filosofia hoje, pois ela se confunde com o método de especialistas que fragmentam o saber, próprio de nossa época. À filosofia cabe vencer essa fragmentação, buscar via diálogo o saber do todo, vencer as particularidades, ajudar a ver o conhecimento de forma integrada, pensar o desenvolvimento do avanço tecnológico – científico, pensar o saber da experiência da humanidade e o aprendizado da vida. Além disso, interligar o saber científico, o saber transmitido, o saber da experiência e transformá-lo em sabedoria.

A prática da Filosofia na aula baseia-se, como um ir e vir de idéias que se encadeiam. O diálogo assim entendido não está dado, como não está dada a possibilidade de pensar com outros: ambas são situações as quais se há que somar.

[...] O diálogo é a forma do pensamento que pergunta: no diálogo, as idéias de uns e de outros se modificam (Kohan, 2002, p.179).

Mas, no mundo atual, ainda existe espaço para o diálogo filosófico?

Diante de atitudes cada vez mais ensimesmadas, podemos encontrar possibilidade de diálogo, uma vez que esse só existe quando há o encontro e desse encontro surge algo novo? Como aceitar que o diálogo é muito mais do que conversar, é acima de tudo um compromisso vital? É compreensão? Um princípio ético?

A exemplo de Sócrates, surge no ousado século XX, um filósofo norte-americano, Matthew Lipman, <sup>(7)</sup> com sua proposta de educação para o pensar, cuja pedagogia é denominada Comunidade de Investigação, em que se enfatiza não o ensinar Filosofia, mas o fazer Filosofia e ali o diálogo regido pela lógica é a essência, o coração da Filosofia. Assim, a matriz comportamental do pensar é a fala e a matriz do pensar organizado, o raciocínio, é o falar organizado.

## **A COMUNIDADE DE INVESTIGAÇÃO E O FILOSOFAR**

Embora saibamos que Matthew Lipman fundamenta sua concepção de diálogo e comunidade na teoria do filósofo austríaco-judíaco, Martin Buber, <sup>8</sup> conhecido como filósofo do diálogo, o qual é explicitamente citado em suas obras nos dedicaremos aqui ao aprofundamento específico da experiência de diálogo das Comunidades de Investigação propostas por Lipman.

A Comunidade de Investigação é, ao mesmo tempo, imanente (ligada a si mesma) e transcendente (voltada a outrem): fornece um ambiente que permeia a vida diária de seus

<sup>7</sup> Matthew Lipman, nasceu em Vineland, Nova Jersey, Estados Unidos, em 1923. Participou da II Guerra Mundial. Em 1948 concluiu a graduação em Filosofia, na Universidade de Standford e, em 1954 obteve o título de doutor em Filosofia pela Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque com uma tese sobre a arte. Na França travou contato com os autores Merleau Ponty, Jean Wahl, Gaston Bachelard. De volta aos estados Unidos, tornou-se professor de Filosofia (Lógica) na Universidade de Colúmbia, onde realizou suas primeiras experiências com Filosofia para Crianças (Silveira, 2001, p. 11).

<sup>8</sup> O pensamento de Buber é marcado essencialmente pela busca do sentido da existência humana visando o resgate de sua responsabilidade pela construção de um mundo mais condizente com o verdadeiro sentido do existir humano. Buber baseia suas indagações no diálogo, considerado por ele como a categoria existencial por excelência, propondo a compreensão da realidade humana através do prisma do dialógico, ou seja, do vínculo entra a experiência vivida, a ação e a reflexão, o pensamento. Suas reflexões partem, portanto, das experiências vividas, que adquirem assim um alcance político pois o diálogo é a base da formação das comunidades humanas, deixando de ser um mero conceito abstrato para descrever uma experiência concreta. Sua Filosofia do diálogo, da relação, é o ponto central de toda a sua reflexão, tanto no campo da Filosofia ou dos ensaios sobre Religião, Política, Sociologia e Educação. Buber afirma existirem duas atitudes básicas, duas formas de existir ou de ser no mundo, que alternam-se ao longo da existência humana: as atitudes Eu-Tu e Eu-Isso. Não se trata de dois tipos de homem, mas duas posturas presentes em todos nós, em nossa relação com o outro, com as coisas e com o mundo (Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações LTDA. Rio de Janeiro, 1999, p. 1820).

participantes e serve como um ideal de buscas novas e contínuas. Não está ligada a uma disciplina específica, mas tem uma estrutura baseada em aspectos característicos de uma comunidade, com espírito de cooperação, cuidado, segurança, senso objetivo comum e investigativo.

Investigação é busca. É busca de soluções. É busca de saber como é, de saber como ocorre, de saber como se resolve um problema. É busca de explicações e é busca, também, de como fazer. É busca de saber como repetir o fazer, mas pode ser busca de saber como fazer diferente, de preferência para fazer melhor. Investigar é pesquisar (Lorieri, 2002, p. 104).

Matthew Lipman refaz o percurso histórico da Filosofia na Grécia Antiga, quando os cidadãos começaram a pensar sobre os pensamentos.

A partir de Sócrates, no século V a. C., a Filosofia passa a ser relacionada com o diálogo, com a investigação dialógica. Ele nos mostra, como vimos, que o pensar é um ofício e é um tipo de ofício que cada um precisa fazer por si mesmo. Historicamente, a Filosofia tem sido relegada a um segundo plano e a proposta de Lipman é a de democratizá-la, pois fazer filosofia é um direito de todas as pessoas, por ser uma necessidade de todos os seres humanos.

O trabalho da Comunidade de Investigação propõe a descoberta dos significados, das experiências e sua partilha. Para Lipman, os significados das experiências não podem ser dados, transmitidos, mas têm que ser captados, buscados por meio do envolvimento no diálogo e na investigação. Eles nascem da reflexão das relações entre as partes e o todo, entre meios e fins. A educação está onde surge o significado, isso pode ser em qualquer situação da vida.

Lipman vai além de uma simples preocupação de fazer apenas Filosofia, ou de despertar o “amor pelo saber”, compromete-se, acima de tudo, com a busca de possibilidades de transformação dos indivíduos. Transformá-los em seres autônomos, responsáveis, comprometidos.

Para isso, apresenta um paradigma de educação que busca contemplar uma visão participativa da criança. Parte da constatação da necessidade vital dos seres humanos que é a busca de sentidos de suas experiências. Assim, associa intimamente a descoberta dos significados da vida com a educação. Descoberta de significados que se contrapõe a uma prática educacional de transmissão de informações, de doutrinas ou de um mero compartilhar de achismos, sentimentos. Os significados devem ser encontrados através dos diálogo e não num simples bate-papo sem envolvimento, sem comprometimento, quando os assuntos são investigados de forma radical. Onde se busca o origem dos mesmos é que acontece a

verdadeira filosofia. Os significados não devem ser dados, pois serão sempre significados dos outros e não próprios. A educação tem o compromisso de conduzir a criança à aventura do pensamento. É essa que permite a surpresa, a descoberta, a revelação, a reflexão, dá condições para que a criança exponha sua individualidade, seu ponto de vista. Diz Lipman. [...]“ temos que aprender com o estabelecer condições e oportunidades que capacitarão as crianças, com curiosidade natural e ansiedade por significados a se apoderarem das pistas adequadas e, por si mesmas, imprimirem significado às coisas”(1994,p. 32).

A Comunidade de Investigação representa um encontro de consciências, é diálogo interior que se exterioriza. Só é possível um encontro de consciências se os participantes do diálogo se abrirem como caminheiros rumo à conquista do autêntico conhecer. O diálogo, além de ser a expressão do interior que se exterioriza, representa o momento em que a individualidade se materializa. No diálogo, proposto na Comunidade de Investigação, o manifesto é tomado como elemento de consideração por outros, como provocação para a busca profunda da significação das coisas.

Filosofia para crianças pretende iniciar crianças e jovens na luta pela constituição autônoma e co-participativa dos sentidos. O objetivo é auxiliá-los a se tornarem cidadãos que sejam capazes de oferecer contribuição pessoal enriquecedora na construção continuada das necessárias referências orientadoras das vidas humanas. Pensar reflexiva e criticamente sobre as questões que dizem respeito à constituição dos sentidos é estar iniciando-se no próprio processo do filosofar, antes mesmo de ter acesso à produção daqueles que são reconhecidos, pela qualidade de suas reflexões, com grandes filósofos ( CBFC,1985,p.3.).

Se observarmos uma Comunidade de Investigação por algum tempo, poderemos perceber que ela é governada por princípios democráticos, em que cada ponto de vista e cada idéia são respeitados, ouvidos e valorizados como uma fonte potencial de idéias importantes.

Essa maneira de educar gera a produção de significados alternativos e perspectivas diversas que enriquecem a evolução de cada participante. A prontidão em dar razões, o respeito mútuo, a ausência de doutrinação, o diálogo são condições intrínsecas à própria filosofia e, por conseguinte, à Comunidade de Investigação. A Filosofia é essencialmente dialógica. Ela se realiza, acima de tudo, na troca ou no debate de idéias. O diálogo é o debate interessado na solução de questões controversas, é o melhor recurso para o desenvolvimento das capacidades reflexivas das pessoas. É a condição essencial para o funcionamento de uma Comunidade de Investigação. O pensamento é a internalização do diálogo.

Os participantes de uma Comunidade de Investigação procuram compreender uns aos outros. Além de aprender a escutar, precisam aprender a conversar e a se expressar de modo

coerente. Além disso, precisam desenvolver a capacidade de entrar no mundo das outras pessoas e vê-lo de acordo com as perspectivas dos outros, adotando uma atitude aberta e compreensiva. Essa habilidade dialógica envolve os indivíduos numa relação ativa de experiências pessoais e com os objetivos, propósitos e crenças das outras pessoas. Isso exige, ao mesmo tempo, humildade intelectual e uma autêntica disposição para a autocorreção.

O autêntico diálogo ocorre somente quando cada um dos participantes tem em mente o outro, ou outros, em sua existência presente e específica e volta-se para estes com a intenção de estabelecer uma relação mútua, estimulante ente si e eles (Lipman, 1995,p.36).

Por isso, para se ter um autêntico diálogo, é necessário ter humildade intelectual, o que pressupõe que somos falíveis, que nossas idéias são, em geral, muito limitadas, quando não erradas e que somos seres que podem estar abertos para diferentes formas de experiências.

Podemos afirmar então que o melhor lugar para a racionalidade ser desenvolvida, através do cultivo das habilidades do pensamento, é na Comunidade de Investigação. É na troca de idéias que as pessoas têm grande chance de expor suas idéias, escutar as idéias dos outros sobre o mesmo tema ou assunto, comparar suas idéias com as dos outros e as dos outros entre si e , a partir daí, melhorar, completar, ou mesmo modificar o que pensam ou, então, confirmar ainda mais seus pontos de vista.

Na situação de diálogo, as pessoas trocam, além de suas convicções, os seus argumentos, as suas razões relativas às próprias convicções. É nesta troca de razões que as idéias ficam mais fortalecidas, menos fortalecidas, claramente frágeis ou até sem sustentação. Esta é uma oportunidade ótima para provocar, nas pessoas envolvidas, a autocorreção dos seus pontos de vista, o que implica a utilização das mais diversas habilidades do pensamento.

As habilidades que revelam competência no diálogo indicam habilidades de raciocínio. Por essa razão, o diálogo entre crianças permite que se promovam as habilidades de raciocínio sem o uso de treinos. O caráter de jogo espontâneo durante o diálogo entre as crianças faz com que a participação seja agradável e autogratificante. Isso contribui para que o diálogo seja algo envolvente e que torne a criança alerta, vigilante sobre seu intelecto, sobre sua maneira de se expressar e a maneira do outro se expressar. Dessa forma, pensar não se torna algo desleixado, baseado em comentários involuntários, ou bate-boca impensado, mas em desenvolvimento eletizado da própria construção do pensamento.

Neste sentido, participar de um diálogo é explorar as mais variadas possibilidades, descobrir as alternativas, reconhecer outras perspectivas e estabelecer assim uma verdadeira Comunidade de Investigação.

Fazer investigação filosófica é estar, a vida toda, pondo-se as questões filosóficas e buscando corrigir, aprimorar e produzir novas respostas a essas questões sem perder-se em ceticismos que nada indicam ou relativismos que indicam pobremente porque são particulares (Lorieri,2002, p .80).

Na Comunidade de Investigação emerge algo novo: o cultivo das habilidades de raciocínio, de investigação, de formação de conceitos e de tradução pré-requisitos necessários para a ação e o juízo inteligentes.

No entanto, existem mais aspectos positivos, além das habilidades. O diálogo filosófico em comunidade é um processo criado para que, com o passar do tempo, comece a surgir uma nova forma de ser no mundo, caracterizada pela atenção, curiosidade, cooperação, paciência, todas mescladas por um sentimento de maravilhamento por se estar vivendo neste mundo. Daí, que, dialogar com rigor sobre as dimensões filosóficas das experiências, auxilia no cultivo das disposições necessárias para a experiência da felicidade, entendida como sendo a disposição para maravilhar-se, para agir com cuidado e atenção, para compreender, investigar, experimentar e para entrar num mundo, tido como desconhecido e crescer.

Filosofia para crianças, isto é, a investigação filosófica em comunidade, não pode, por si só, esperar solucionar todos os problemas dos infantes, pois muitos só podem ser resolvidos pela ação. Mas, certamente, pode ajudar a ver, com maior clareza, quais são os problemas e a levantar hipóteses que podem levar a superá-los. Se o problema for baixa auto-estima, a prática da filosofia em comunidade pode envolver as crianças num processo em que elas descobrem aspectos desconhecidos, normas, ideais que jamais foram levados em consideração.

Se quisermos ajudar as crianças a construírem uma auto-estima ponderada, precisamos fornecer-lhes a oportunidade educacional de participar de uma comunidade de investigação filosófica na sala de aula. Porque é nessa comunidade em sala de aula que as crianças são expostas tanto às disciplinas normativas da lógica, da ética e da estética como à investigação metafísica.

Os participantes de uma Comunidade de Investigação procuram compreender uns aos outros. Além de aprender a escutar, precisam aprender a conversar e a se expressar de modo coerente. Precisam também desenvolver a capacidade de entrar no mundo das outras pessoas e a vê-lo de acordo com as perspectivas dos outros, adotando uma atitude aberta e compreensiva. Essa habilidade dialógica envolve os indivíduos numa relação ativa entre as nossas expectativas pessoais e os objetivos, propósitos e crenças das outras pessoas que exige, ao mesmo tempo, humildade intelectual e uma autêntica disposição para a autocorreção.

Ninguém quer dialogar com alguém por muito tempo se percebe que não há progresso, que suas idéias permanecem inalteradas, pois não haverá nenhuma aprendizagem numa situação como essa. Em relação a essa idéia, assim se expressa a criança IV:

Quando penso em Filosofia me vem à mente “reflexão”. A Comunidade de investigação ampliou meu conhecimento, pois aprendi que todos têm opinião diferente e que temos que respeitá-la se quisermos ser seres humanos. O filosofar me leva a refletir sobre assuntos cotidianos importantes para o desenvolvimento saudável e pensante. A Filosofia interfere no meu relacionamento com amigos, pais e outras pessoas, pois através da Filosofia posso refletir se devo falar ou não determinadas coisas.

A participação produtiva numa comunidade de investigação exige comportamentos e atitudes de cooperação, respeito mútuo, interesse por objetivos comuns, avaliação crítica, que resultam, dentre outros benefícios, no exercício democrático na sociedade. A ocupação dos espaços da cidadania requer das pessoas tais comportamentos e atitudes, que podem decorrer ou ser reforçados quando se aprende desde cedo:

1. respeitar os pontos de vista dos outros;
2. que o próprio ponto de vista tem o mesmo valor e peso que o dos outros;
3. a respeitar a vez dos outros e a exigir respeito pela própria vez;
4. a respeitar regras combinadas;
5. que as regras podem ser discutidas e modificadas, mas que são necessárias para a vida em comum;
6. que todos somos iguais;
7. que todos somos igualmente dignos de respeito.

Filosofia para crianças está comprometida com a narrativa como modo educacional para elevar a consciência da dimensão filosófica da experiência. Não pressupõe uma hierarquia da realidade na natureza. Os seres humanos são vistos em relação aos animais, às estrelas, ao oceano, aos planetas e não acima deles. Essa ênfase nas relações ajuda as crianças a desenvolverem uma sensibilidade ecológica do mundo em que vivem. O currículo de Filosofia para crianças enfatiza as relações não só entre as palavras e as idéias, as disciplinas e a experiência, mas também entre as espécies na natureza.

A tarefa urgente da comunidade de investigação é ajudar as crianças a se tornarem conscientes da Terra, de modo que possamos utilizar as nossas mentes para entender a teia da vida e nela viver como seus guardiães e não como seus destruidores.

As crianças precisam saber sobre as Comunidades de Investigação que existem na Europa Ocidental e Oriental, na Ásia, na África e na América Latina, e sobre como os

problemas específicos de cada uma destas diferentes regiões têm interconexões com as nossas próprias vidas. Essa consciência global desempenha dois papéis: primeiro, as crianças percebem que seus esforços locais são parte de um empenho global e que somos todos interdependentes neste esforço: segundo, pode possibilitar que as crianças mantenham ligações com movimentos internacionais em que ocorrem fóruns políticos e sociais. As lutas pelas mudanças locais carecerão de profundidade caso não sejam concebidas como parte integrante de uma nova consciência global.

Tais aprendizados são elementos éticos necessários às relações sociais, cujo domínio só é possível, no seu exercício prático, acompanhado da atenção intelectual que o examina cuidadosamente.

Uma Comunidade de Investigação enfatiza o raciocínio social, dialógico e contextual, raciocínio esse não divorciado do corpo nem das emoções. Podemos constatar isso no fazer filosofia como prática de comunidade:

A Filosofia me leva a pensar e a investigar, a saber, a ouvir, a respeitar as idéias dos colegas, mas dar também a minha opinião. A Comunidade de Investigação ajudou-me a ampliar meus conhecimentos, porque não trabalhamos só com a novela, vamos além disso: somos incentivados a pesquisar, a ler mais, a buscar respostas para perguntas, para as dúvidas que temos sobre determinados assuntos. A Filosofia me faz perguntar e a não aceitar qualquer resposta que os outros me dão (Criança IV).

Realizar esse exercício nas pequenas Comunidades de Investigação com crianças pode ensejar a sua continuação na vida adulta. As crianças de hoje serão os dirigentes de amanhã. Porque elas estarão vivendo em um mundo pluralístico, precisam receber uma educação transformadora, que as sensibilize para a complexidade da experiência humana e para a variedade de respostas morais. As crianças não só merecem mas necessitam de uma educação que as ajude a desenvolver critérios para distinguir justiça de injustiça, moralidade de imoralidade e humanidade de desumanidade. A educação que elas recebem deveria não somente encorajá-las a pensar por si mesmas, provendo-as com as ferramentas intelectuais e experiências que exigem pensamento original, mas também deveria imergi-las numa tradição da cultura, da integridade e da comunidade.

As crianças não só devem aprender respostas, mas também ser preparadas para solucionar os problemas colocados para elas pelos adultos e como responder a certas questões. As crianças devem ser ensinadas a pensar por si mesmas, e lhes deve ser dada a oportunidade de desenvolver critérios relativos ao que constitui o comportamento razoado (razão) e a moral.



A educação deve procurar produzir agentes morais, inteligentes, sinceros e autônomos, que possam emitir juízos corretos e razoados. Essa educação necessita de tempo para que os estudantes possam ir, aos poucos, assumindo e adquirindo o hábito e o jeito da comunidade de investigação.

O método utilizado em nossa escola requer tempo; e precisa de professores que entendam de crianças, bem como de raciocínio e de pedagogia.

Não há dúvida de que as crianças podem pensar por si mesmas a respeito de qualquer tipo de assunto. De qualquer forma, porém, as crianças precisam ser redirecionadas para que possam iniciar o processo de entender o pensar, os vários estilos de pensar e os critérios para distinguir o bom pensar do pensar descuidado dentro de uma comunidade de sala de aula. As crianças devem ser incentivadas a pensar sobre que tipo de pessoas gostariam de ser e em que tipo de mundo gostariam de viver. Às crianças deveriam também ser dados os meios para criarem uma sociedade e um mundo qualitativamente melhor.

A única disciplina que pode enfrentar esse desafio é a Filosofia. Ao fazer filosofia é que as crianças, aos poucos, começam a prestar atenção em seu pensar e na relação entre seus pensamentos e suas ações. É a Filosofia que capacita as pessoas, tanto adultos como crianças, a verem os acontecimentos do dia-a-dia de modo questionador. Aos poucos, as crianças começam a pensar sobre as conseqüências de suas ações e o que deveriam levar em consideração ao fazer um juízo moral ou social.

A filosofia é uma testemunha da nossa eterna busca de significado e de um raciocínio mais refinado: crer no raciocínio sobre os fenômenos é crer que eles são governados por Deus. Para minha mente isso é uma crença altamente importante e sadia (CBFC,1985,p.4).

As crianças necessitam prática em perceber conexões entre o que dizem, o que pensam e o que fazem. Precisam entender os fatos a partir de várias perspectivas.

A investigação em comunidade é muito enriquecedora. As crianças começam a perguntar umas às outras sobre proposições subjacentes, sobre como devem escolher suas idéias, suas ações e suas crenças.

A Filosofia começa com o maravilhar-se e o intrigar-se. Os participantes de uma Comunidade de Investigação devem ser motivados a ficarem maravilhados e intrigados. Se damos as respostas, mesmos aquelas nas quais acreditamos, podemos o questionamento e a investigação, podemos o intrigar-se e frustramos o propósito da Filosofia.

## CONCLUSÃO

A Filosofia é algo inerente ao existir humano no que diz respeito ao ato de pensar. Desenvolve-se no homem dentro da *Phísis*, num contexto de inter-relações e o que constitui essas relações é a capacidade que o homem tem de questionar, dar respostas e finalidades a tudo o que faz. É próprio do homem querer saber.

O filosofar nos remete a uma busca de sentido, de mais significação, daí a Filosofia se transforma no esforço da razão com vistas a dar conta da significação de todos os aspectos da realidade, com a maior profundidade possível, e sempre em relação à significação da existência dos seres humanos. É na tentativa de compreender o sentido mais radical das coisas, independentemente de sua utilização imediata. Ter consciência, para o homem, identifica-se com o dispor de sentido, o que constitui para ele a compreensão da realidade.

A proposta do diálogo como princípio filosófico nos remete a um comprometimento com a existência humana, não apenas no que tange ao bem conhecer ou ao desenvolvimento intelectual, mas com o agir co-responsável com os bilhões de seres humanos ou não que interagem conosco neste sistema interplanetário.

Nosso compromisso neste milênio é chegar ao fundamento, à origem das coisas, dos seres, superar a dicotomia que fragmentou nosso saber e conseqüentemente a própria existência humana. Daí, resgatar a Filosofia como educação é garantia de um maior conhecimento, é possibilidade de novas relações sociais, de fomentação de elementos da estruturação da personalidade e da construção de identidades, de desenvolvimento de pressupostos etimológicos, antropológicos e axiológicos. Isso só será possibilitado pelo conhecimento filosófico que permitirá articular a significação de todos esses aspectos à luz da significação da existência humana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CENTRO BRASILEIRO DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS. O que é Filosofia para crianças. São Paulo: 1985.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA DO BRASIL PUBLICAÇÕES LTDA. Rio de Janeiro: 1999.

KOHAN, Walter. A tentativa pioneira de Matthew Lipman. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. Ensino de Filosofia – Perspectivas. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LORIERI, Marcos Antônio. Filosofia no Ensino Fundamental. São Paulo: Cortez, 2002.

LIPMAN, Matthew. A Filosofia vai à Escola. São Paulo: Sumus, 1990.

\_\_\_\_\_. O pensar na educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

LIPMAN, M.; OSCANYAN, F.; SCHARP, A. M. Filosofia na sala de aula. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

NOGARO, Arnaldo. Educação para o pensar ou filosofia para crianças? Filosofazer. Passo Fundo: Berthier, ano XI, nº 21, 2002/II.

SILVEIRA, R.J.T. A Filosofia vai à escola? São Paulo: Autores Associados, 2001.